

**CENTRO UNIVERSITÁRIO SÃO JOSÉ
CURSO DE PEDAGOGIA**

JÉSSICA BARBOSA GOMES DA SILVA
NACYRA YIBURI FERNANDES LUCENA

OS DESAFIOS DO AUTISMO NAS ESCOLAS REGULARES

Rio de Janeiro

2019

OS DESAFIOS DO AUTISMO NAS ESCOLAS REGULARES

THE CHALLENGES OF AUTISM IN REGULAR SCHOOLS

Jéssica Barbosa Gomes da Silva

Universitária

Nacyra Yiburi Fernandes Lucena

Mestrado

RESUMO

O presente artigo trata dos desafios do autismo nas escolas regulares de ensino, tanto na adaptação do aluno com o meio, quanto na questão da inclusão e a relação professor-aluno, suas dificuldades e limitações que o transtorno proporciona no âmbito escolar. O autismo é um transtorno que compromete as áreas da comunicação, interação social, afetividade, comportamento do indivíduo que também engloba aspectos motor, psicológico e cognitivo em diferentes graus (leve moderado e severo).

Temos como objetivo geral desse trabalho apresentar os desafios do autista nas escolas regulares de ensino, talvez assim, os objetivos específicos escolhidos foram discutir práticas metodológicas mais eficazes na didática com o autista, Buscar estratégias para melhoria na socialização do autista com os alunos sem deficiência, Verificar métodos para uma boa relação professor- aluno.

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica com seu método de pesquisa sendo ele, exploratória e seu caráter qualitativo.

Para cumprir os objetivos propostos nesta pesquisa, toma-se como aporte teórico Cunha(2018), Sasaki(2003), Wallon(2008 e 2010), Lima, (2010), Serra(2018). Esta pesquisa trará algumas soluções para os docentes que estão em sala e não tem o preparo para se deparar com essas situações adversas, pois cada autista tem seu jeito de se comportar diante a diferentes problemas do dia a dia. O estudo desta pesquisa pode abrir mais questões a serem selecionadas no mundo do autista, trazendo confiança, desenvolvimento, crescimento e amor para esses alunos.

Com essa pesquisa, foi possível alcançar resultados de grande relevância, como por exemplo, na atuação do docente com esse aluno em sala, como agir, trabalhar e a maneira correta de lidar com eles e dar um ensino de qualidade.

Palavras-chave: Autismo, Escola, Inclusão.

ABSTRACT

This article deals with the challenges of autism in regular schools, both in the student's adaptation to the environment, as well as in the issue of inclusion and the teacher-student relationship, its difficulties and limitations that the disorder provides in the school environment. Autism is a disorder that compromises the areas of communication, social interaction, affectivity, behavior of the individual that also encompasses motor, psychological and cognitive aspects to varying degrees (mild moderate and severe).

The general objective of this paper is to present the challenges of autism in regular schools, so perhaps the specific objectives chosen were to discuss the most effective methodological practices in teaching with autism. Check methods for a good teacher-student relationship.

The research is characterized as bibliographic with its research method being it exploratory and its qualitative character.

To fulfill the objectives proposed in this research, we take as theoretical contribution Cunha (2018), Sasaki (2003), Wallon (2008 and 2010), Lima (2010), Serra (2018). This research will bring some solutions for teachers who are in the classroom and are not prepared to face these adverse situations, as each autistic person has his or her way of behaving in the face of different everyday problems. The study of this research may open more questions to be selected in the autistic world, bringing confidence, development, growth and love to these students.

With this research, it was possible to achieve results of great relevance, such as the performance of the teacher with this student in class, how to act, work and the right way to deal with them and give a quality teaching

Key-words: Autism, School, Inclusion.

INTRODUÇÃO:

O presente artigo trata dos desafios do autismo nas escolas regulares de ensino, tanto na adaptação do aluno com o meio, quanto na questão da inclusão e a relação professor-aluno, suas dificuldades e limitações que o transtorno proporciona no âmbito escolar. Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que trata sobre a Educação Especial, diz que o ingresso de uma criança autista em escola regular é um direito garantido por lei.

Não somente a LDB, temos também a legislação federal, afirma que os sistemas de ensino devem matricular todos os alunos, cabendo à escola organizarem-se para o atendimento aos educandos com necessidades educacionais especiais garantindo uma educação de qualidade para todos. (Resolução CNE/CEB nº 2).

De modo geral, investiga-se como Espectro Autismo (TEA) um transtorno que compromete as áreas da comunicação, interação social, afetividade, comportamento do indivíduo que também engloba aspectos motor, psicológico e cognitivo em diferentes

graus, sendo assim sua participação nas escolas regulares se torna um pouco mais reduzido, muitas das vezes pelo preconceito e despreparo profissional.

O objetivo geral desse trabalho é apresentar os desafios do autista nas escolas regulares de ensino, talvez assim, os objetivos específicos escolhidos foram discutir práticas metodológicas mais eficazes na didática com o autista, buscar estratégias para melhoria na socialização do autista com os alunos sem deficiência, verificar métodos para uma boa relação professor- aluno.

A pesquisa se caracteriza como bibliográfica, já que é um tema de grande abrangência, importância e que tem crescido cada vez mais no mundo, para que todos nós da área da educação estejamos atentos e com o conhecimento em dia sobre o Transtorno do Espectro Autismo (TEA), para estarmos aptos a encarar este desafio em nossa vida profissional dia após dia para aprendermos a viver no mundo do autismo com mais profundidade , entendendo, conhecendo, ajudando, dando o suporte necessário a cada um deles com suas diferenças e dificuldades que encontraram na caminhada de sua aprendizagem, para que tenham sucesso em suas vidas como alunos, é preciso um preparo. Tendo como definição a análise de documentos, livros, artigos e leis. Com intuito de melhor entendimento do assunto e fazer com que o nível de inclusão seja mais explorado nas escolas, trazendo não complicações e sim soluções para esses alunos que necessitam de um atendimento especial.

Foi utilizado o método de pesquisa exploratória, trazendo entendimento do assunto com mais clareza e conhecimento aprofundado, seguido de pesquisas documentais, onde será utilizado livros, pesquisas em sites e outros documentos de importância dentro do assunto, acompanhado também pela fonte de pesquisa secundária, que foram retiradas informações de livros, artigos e outros.

O estudo a seguir, também terá caráter qualitativo, com abrangência na observação e estudo documental, sendo necessário também a ligação com toda a pesquisa bibliográfica já realizada no presente trabalho para que haja sucesso no entendimento do assunto abordado no trabalho.

É importante também ressaltar a questão do diagnóstico, o nosso achismo não pode prevalecer, temos que ter certeza do que o aluno realmente tem ou necessita

em sua aprendizagem no meio escolar, conseguimos ter essa correta percepção, através da nossa sensibilidade no olhar, contato com a criança, afeto e intimidade, pois é através disso que conhecemos seu jeito e iremos identificar qualquer que seja a alteração no desenvolvimento da criança.

A questão que norteia o trabalho é: Como quebrar barreiras para lidar com esses desafios tão frequentes em nosso meio e as melhores práticas para o desenvolver da socialização do autista com os outros alunos e também professores trabalhando a inclusão?

Tomamos como hipótese do texto que se acredita que a conscientização e a valorização dos alunos com autismo nas escolas regulares de ensino é, talvez um dos principais elementos para a melhoria da educação e inclusão desses alunos, excluindo desse meio escolar o preconceito que ainda é existente com uma força bem significativa, sendo assim, a valorização desse alunos, é o início de uma barreira quebrada. O professor também tem o importante papel nessas mudanças que se fazem necessárias em sala de aula e socialização deles e dos alunos que frequentam o mesmo espaço, sendo ele o principal mediador e orientador de atitudes dentro do ambiente escolar, o início de muitas mudanças na vida da criança, pois a confiança parte do professor.

Temos por justificativa deste trabalho, a observação de que os desafios do autismo nas escolas regulares necessita que todos estejam preparados para recebê-los futuramente com devidas estruturas e preparo profissional adequado. Não tendo apenas essa questão, o tema também foi escolhido através de experiências e inspirações profissionais que já vivencio.

A relevância desse tema se direciona para os professores e também todos os profissionais da educação que de alguma forma estão no ambiente escolar em convívio com esta situação. Pode também ser de grande utilidade para os pais dessas crianças, que por algum motivo se sentem inseguros em ver seus filhos frequentando um ambiente diferente, com pessoas diferentes e entender melhor o que e como será feito o trabalho com seus filhos.

Desenvolver uma pesquisa na área da educação inclusiva é importante, pois vivemos em uma sociedade em que cada dia cresce o número de crianças e famílias

sendo atingidas por essa realidade, sendo assim, o presente artigo ainda que não esgote o tema em estudo, é de grande contributo para o preparo de profissionais dispostos a lidar com esta situação.

Os elementos motivadores para leitura que se realiza no decorrer do texto é o maior número de diagnósticos e melhor forma de inserção do mesmo nas escolas regulares de ensino.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para cumprir os objetivos propostos nesta pesquisa, toma-se como aporte teórico Cunha (2018), Sasaki (1997 e 2003), Wallon (2008 e 2010), Lima (2010), Serra(2018) . Cada autor contribui, portanto, para as discussões propostas.

O autista é extremamente sensível a todo tipo de coisa que não faz parte ainda de sua rotina, por isso é difícil no momento em que ele entra para uma instituição escolar para aprender a conviver em situações diferentes da que eles estão acostumados, com este fato se torna mais difícil o aprendizado deles, assim, devemos procurar melhores meios para atrai-los a esses conhecimentos necessários e facilitar sua aprendizagem. Cunha diz que: “A educação na escola deve ser vivenciada na sala de recursos e na sala comum com os demais alunos.” (CUNHA, 2018 página Autismo infantil)

Normalmente, a concentração para atividades pedagógicas é muito pequena. Mas ainda que seja exíguo o momento que a criança permanece concentrada, ele deve ser repetido dia após dia, de maneira lúdica e agradável, para não haver enfado e irritabilidade, com objetos e ações que é do agrado do autista e que leve a criança a ter um bom aprendizado e socialização na escola. “As habilidades compatíveis com a escolarização, como a linguagem e a capacidade de se concentrar, devem ser estimuladas” (LIMA, 2010, p. 126)

Sabemos que uma das maiores dificuldades de um Autista é a socialização, com isso buscamos meios para a melhor socialização com os companheiros de classe em que convive o dia a dia.

Sasaki diz que: “A inclusão significa que a sociedade deve adaptar-se às necessidades da pessoa com deficiência para que esta possa desenvolver-se em todos os aspectos de sua vida” (SASSAKI, 1997, p.16)

Reconhecemos a partir desta citação que devemos ser todos flexíveis, e nos adaptarmos aos diferentes jeitos que eles possuem, assim, teremos sucesso com relação a socialização de cada aluno com o Transtorno de Espectro Autista (TEA) tornando o ambiente escolar para todos. O jogo em pares pode ser um excelente instrumento para quebrar esta barreira de fazer amizades, por exemplo, ao fim do jogo pode ter recompensa de comidas ou atividades que o autista gosta de fazer, assim o mesmo irá comparar o seu amigo com as situações que ele gosta.

Para mantermos uma boa relação professor e aluno com Autismo no ambiente escolar devemos sempre enfatizar nesta questão que os professores precisam compreender a limitação que este aluno tem para se socializar, entendendo o meio em que o aluno está inserido (família, comunidade), que cada aluno com Autismo tem graus, jeitos e formas diferentes de encarar o meio social, suas potencialidades, estar sempre em estudo com relação a esta deficiência, elevando sempre os conhecimentos, buscando métodos para cada dia poder estar quebrando barreiras que surgem dentro de sala. A afetividade tem o poder de trazer para a sala de aula um lugar agradável e ótimos frutos no processo de ensino aprendizagem do indivíduo e seu desenvolvimento. Em sua teoria Wallon diz que:

a dimensão afetiva é destacada de forma significativa na construção da pessoa e do conhecimento. A afetividade e inteligência, apesar de terem funções definidas e diferenciadas, são inseparáveis na evolução psíquica (WALLON, 2019, apud SANTOS p. 1)

Mas também vivemos grandes desafios em relação a preparação de docentes para receber o público em questão, eles precisam de uma atenção especial e atividades diferenciadas para que sua aprendizagem e convivência com o meio tenha bons resultados, para que isso ocorra no ambiente escolar, é necessária a preparação do professor, para que haja a facilidade de intervir em situações adversas, esta preparação do professor deve começar desde seu magistério. Priscila Augusta Lima relata em seu livro que:

Lima (2010, p.62) “Apesar das modificações realizadas a partir das novas diretrizes curriculares, os cursos de formação de professores, em sua maioria, ainda não aprofundam o tema, além de terem currículos e programas pouco flexíveis”.

Poucas unidades escolares hoje em dia, toma ciência de que é necessária essa preparação dos professores que compõe o corpo docente da instituição escolar.

Cabe às escolas se prepararem para receber os alunos, oferecendo-lhes um ensino que os estimule no seu desenvolvimento[...] Os sistemas de ensino precisam fornecer o apoio necessário, favorecendo, inclusive, a qualificação do professor. (LIMA, 2010, p.63)

Sendo assim, precisamos estar aptos para ajudar com a interação, socialização e afetividade com os alunos, para que eles se sintam a vontade e bem recebidos pelos seus colegas de classe e seu professor, podemos observar ótimas estratégias e bons aprendizados com as referências acima.

Antônio Eugênio Cunha é Doutor em educação, Professor, Psicopedagogo, Jornalista, palestrante e pesquisador do GRUPPE/UFF/CNPq. Leciona na Educação Básica e educação Superior. Trabalha, também, na educação de alunos com dificuldades de aprendizagem e deficiência. Autor dos livros Afetividade na prática pedagógica, Afeto na aprendizagem, Autismo e inclusão e Práticas pedagógicas para inclusão e diversidade, todos publicados pela Wak Editora. Este Autor foi escolhido pois tem grande importância na pesquisa, pois seu livro “ Autismo na Escola um jeito diferente de aprender, um jeito diferente de ensinar” trás questões e fatos que falam exatamente sobre os assuntos abordados neste trabalho, como por exemplo, como o professor deve agir com esse aluno, quais as atitudes corretas e suas práticas pedagógicas, afetividade, eliminando assim um dos desafios que o autismo tem nas escolas regulares, onde ele tem direito de frequentar e conviver com os demais em sociedade.

Os conceitos que fundamentam essas idéias pedagógicas são comuns a qualquer nível ou modalidade de ensino; na educação regular ou especial, a qualquer aluno, em qualquer idade, pois partem do olhar docente sobre as características discentes. (CUNHA, 2018 p. 18)

Acima diz que independente do segmento, idade, dificuldade de aprendizagem, seja ela em uma escola de ensino regular ou especial, o indivíduo é capaz de aprender de forma igualitária, quando se tem um bom relacionamento com o aluno e professor,

compreendendo suas limitações, gostos, tempos. O professor é o início de tudo, a confiança será criada a partir do diálogo e compreensão sobre o aluno.

Romeu Kazumi Sasaki nasceu em 1938, natural de Campo Grande, Mato Grosso do Sul. É formado em Serviço Social pela faculdade Paulista de Serviço Social. Durante o período da faculdade, fez estágio no instituto de reabilitação do Hospital das clínicas da faculdade de medicina na universidade de São Paulo. Ganhou uma bolsa de estudos na ONU, onde fez vários cursos de reabilitação profissional. Em 1975 fundou o Centro de Desenvolvimento de Recursos para Integração Social, o qual administrou até 1990. Em 1992 foi para o Rio de Janeiro trabalhar como diretor executivo CVI-Rio. É um dos fundadores do Centro de Vida Independente Araci Nallin (CVI-AN), de São Paulo. É representante do Conselho Nacional dos Centros de Vida Independente (CVI-Brasil) junto ao Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência (CONADE) para a gestão 2009-2011. Podemos tê-lo como importante na pesquisa, pois ele é considerado o “Pai da inclusão no Brasil”. Desenvolvendo conceitos sobre a educação para pessoas com deficiência, propagou a educação inclusiva, ideia que consiste em estabelecer um ambiente que proporciona o fácil acesso da pessoa com deficiência para o local de estudo, para que consiga praticar plenamente seus estudos, assim como qualquer outra criança diz que:

Além da preparação dos professores, a escola tem que proporcionar o envolvimento de todos os alunos, o estudo e a celebração da diversidade, os currículos, métodos e materiais com adaptações para as necessidades especiais, parceria ativa com os pais e suporte suficiente para estudantes e equipe da escola. (SASSAKI, 2003, apud SANTOS. SD.P.1)

Como já tem sido dito na pesquisa, é necessário que o autista tenha uma boa relação com as demais pessoas com que ele convive, principalmente com o professor, e o mesmo deve ter um bom preparo para que saiba lidar com as diferentes ocasiões em sala de aula.

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu em Paris, França, em 1879. Em 1902 Wallon se formou em filosofia, se formou também em medicina e psicologia. Tornou-se professor em uma universidade lendária na França, lá ele se encarregou de ministrar conferencias sobre psicologia infantil. Henri Wallon também lecionou em outras instituições e foi o primeiro teórico reconhecer a importância da afetividade no ensino infantil. Seu primeiro trabalho foi intitulado “Delírio da Perseguição.” Wallon, também

teve uma vida política bem agitada. Como pode ser percebido em todo o texto, é falado muito sobre afetividade e relacionamento professor-aluno e como ele se desenvolve com essa relação, com isso se faz importante para essa pesquisa, o estudo deste autor, que aborda muito sobre o tema de afetividade infantil, nos levando assim, a um conhecimento maior sobre o assunto. Segundo Wallon (2008, p. 49) “há relação recíproca entre os recursos que o meio oferece para o desenvolvimento do sujeito”.

Sabemos que, tanto para o contexto da criança com TEA (Transtorno de Espectro Autismo), como da criança típica, o meio é elemento influenciador que repercute diretamente nas ações e práticas sociais que permeiam seu desenvolvimento. O autor diz que cada criança tem o seu tempo determinado de desenvolvimento, nenhuma criança irá se desenvolver igual a outra, tudo também dependerá de seu relacionamento com o professor.

Priscila Augusta Lima, natural de Belo Horizonte, graduou-se em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, onde também realizou seu mestrado em educação, seu Doutorado em Educação foi realizado na Universidade Federal de São Paulo. Atualmente é professora associada na Universidade Federal de Minas Gerais, com experiência na área da educação, com ênfase em Educação Inclusiva e Educação Especial principalmente em temas como: Políticas Públicas, educação especial e inclusiva entre outras. Faz-se importante para esta pesquisa, pois suas experiências e estudos têm grande peso para o lado da Educação Inclusiva e Educação Especial. Desenvolve pesquisas na área da inclusão social, nos levando assim, a conhecer e entender mais sobre o que é inclusão, como incluir esses alunos com autismo em ambientes escolares ditos comuns.

Em seu livro “Educação Inclusiva Indagações e ações nas áreas da Educação e da Saúde” Lima diz que:

Não se pretende afirmar impossibilidades da inclusão de estudantes com NEE nas salas comuns, mas buscar a superação de contradições, estimulando reflexões e práticas pedagógicas que favoreçam o processo inclusivo dessas pessoas em escolas comuns. Dessa forma, pode-se contribuir para o acesso a permanência dos alunos nas escolas, na permanente defesa da educação de qualidade para todos os alunos. (LIMA, 2010 p. 86, 87).

Sendo assim, LIMA coloca em pauta neste parágrafo a necessidade de práticas pedagógicas mais eficazes que sejam adequadas as crianças com NEE (Necessidades

educativas especiais) nas escolas comuns, incluindo o Autismo, trazendo assim, para essas crianças uma educação de qualidade, não só para os alunos ditos “comuns” mas para todos.

Dayse Serra, professora na Universidade Federal Fluminense (UFF), pesquisadora e escritora. Atua há 34 anos no magistério e em diversas outras áreas da Educação e clínica com larga experiência. Doutora em psicologia Clínica pela PUC-Rio, mestre em Educação pela UERJ e psicopedagoga especializada em TEA. A Autora foi escolhida, pois nos tras metodologias construídas, o que nos leva diretamente ao método fônico, e não nos deixa ficar somente a métodos, que são técnicas e algo não muito atual, Trazendo assim, novos meios e soluções para um bom resultado na alfabetização e completa aprendizagem para os alunos com TEA.

Em sua obra “Alfabetização de alunos com TEA” diz:

“Acreditei que o processo de palavrção seria o mais indicado para alfabetizar um aluno com autismo. Mas a experiência e os estudos mostraram-me que esse não era o caminho, pois a tentativa de alfabetizar com palavras-chave que se dividiam em sílabas, transformavam-se em famílias silábicas, reforçando ainda mais a memorização sem compreensão”. (2018, p. 18)

Temos como um dos objetivos específicos deste trabalho a questão de discutir práticas metodológicas mais eficazes na didática com o autista. Partindo deste objetivo, podemos ter um novo caminho para uma excelente alfabetização de um aluno com autismo em sala de aula regular obtendo ótimos resultados, tendo como exemplo esta metodologia citada acima. Levando-nos assim, a descobrir novos meios para uma alfabetização de sucesso mesmo com os desafios que o autista tem em sua aprendizagem.

1. PRÁTICAS METODOLÓGICAS MAIS EFICAZES NA DIDÁTICA COM O AUTISTA

Para destrinchar esta questão, é necessário destacar algumas dificuldades que uma criança com autismo possui e pode influenciar no processo de sua aprendizagem. O autista tem como sua maior característica a dificuldade da fala (linguagem receptiva) que é a compreensão de mensagens ouvidas, pode não possuir uma linguagem suficiente para ser compreendida, grande dificuldade na interação social (convivência

com o outro). Com isso, a metodologia para o ensino desta criança precisa ser diferenciada das demais. Serra(2018 p.16) diz que: “Se analisarmos, á luz dos estilos cognitivos, um aluno com autismo aprende a ler e a escrever de forma diferenciada em função das peculiaridades do funcionamento cerebral.”

A estrutura da escola, forma de organização da sala de aula e entre outros pontos que marcam o dia a dia do autista e no que pode influenciar em sua aprendizagem. A organização é algo que os autistas respondem bem e ajuda a mantê-lo mais centrado no que ele esta direcionado a fazer e ter um bom resultado ao finalizar as atividades.

A estrutura e organização da sala de aula influenciam pelo fato que pode ocorrer distrações, por exemplo, a posição dos móveis, o caminho que devem percorrer para chegar a tal local da sala, geralmente eles não tem noção de direção. Dependendo da organização em que esta a sala, ela deve conter pistas visuais para que eles possam se encontrar dentro do ambiente em que ele esta frequentando.

Muitas informações dentro deste ambiente (ex: cores, conteúdos, letras, números) que é utilizado para ensiná-lo e aprender também é uma questão a ser ressaltada e observada, ele pode sim atrapalhar, o autista se distrai muito facilmente com qualquer informação que possui a mais do que ele esta acostumado no ambiente, com isso o melhor meio é evitar informações em excesso para que a distração não possa afetar e atrapalhar a sua aprendizagem e desenvolvimento com sucesso.

É muito importante ressaltar e não esquecer que, o autista aprende por meio de repetições e tem muita dificuldade em receber e aceitar aprendizados novos, tendo grande resistência e pode às vezes agir de maneira agressiva ou se isolar por um tempo, que é uma atitude muito comum entre os autistas. O novo passa a ser algo assustador para eles, pois estão acostumados a se manterem na monotonia, levando eles para a famosa zona de conforto, então podemos observar assim, que tudo que tira eles dessa zona de conforto é algo que assusta e incomoda, levando ele a irritação.

Por esses motivos citados até agora, sua aprendizagem se torna algo um pouco mais complexo do que imaginávamos. O professor deve estar pronto para ser flexível ao montar um planejamento, incluído o seu aluno de alguma forma para que ele possa ter uma melhor aceitação do novo, juntamente com o restante de sua turma, afinal

somos nós que temos que nos adaptar a eles, além de suas dificuldades na escola, eles também possuem dificuldades que todo ser humano possui.

“Possuem necessidades especiais decorrentes de sua condição atípica e que, por essa razão, estão enfrentando barreiras para tomar parte ativa na sociedade com oportunidades iguais às da maioria da população. Além de necessidades especiais, estas pessoas têm, é claro, necessidades comuns a todo ser humano” (Sasaki, 1997 p. 14)

Um meio excelente de aprendizagem é o aprender brincando (lúdico), é a forma que usamos muito na Educação Infantil, que geralmente funciona bem com o autista, usando claro, um brinquedo que ele goste muito ou tenha um grande apego. Porém temos que estar sempre muito atentos a essa questão também, pois nem todos tem o “brincar” como algo simples e comum, alguns tem um déficit no brincar e que pode estar incluído na falha do desenvolvimento de padrões usuais, que no caso é algo que ele não faz com muita frequência, acaba assim se tornando algo novo e que ele irá ter muita dificuldade também, por isso, devemos conhecer e saber bem do que nossos alunos gostam, fazem, praticam em sua casa ou cotidiano, dessa forma será mais fácil descobrir o melhor meio de sua aprendizagem e para descobrir usamos basicamente três etapas: “ Detalhes de três etapas que percorremos em nosso trabalho: a observação, a avaliação e a mediação”. (CUNHA, 2018 p. 53). Este é o caminho que precisamos percorrer para que o professor dê o primeiro passo, que é conhecer seu aluno.

As metodologias são diversas, há muitas formas de fazer com que o aprendizado do aluno autista tenha sentido e uma finalização de sucesso, obtendo resultados satisfatórios e às vezes, até melhor do que se esperava pelo professor, pais e o próprio aluno que passa a se surpreender com o que ele é capaz de fazer, e assim ele vai perdendo o medo de ter conhecimento e contato com o novo.

Às vezes pode parecer impossível entender que uma criança autista é capaz de aprender conteúdos diversos que são passados nas escolas, por alguns não ter a capacidade da linguagem como resposta, mas não é para tudo existe uma esperança. Com pesquisas e aprofundamentos no assunto descobrimos que existem métodos para a facilitação da aprendizagem dessa criança na escola, descoberta de pontos específicos deles que podem ser explorados e terem bons resultados com a escolha

deste caminho, temos como exemplo a metodologia utilizada para aprender as vogais sem que seja somente por mecanismo que é citada no livro de Cunha, que diz o seguinte:

“Das cinco vogais, observamos que nossos estudantes aprendem melhor e com mais brevidade quando apresentamos de forma gradativa e com uma sequencia planejada de forma intencional, de acordo com as características autísticas.” (CUNHA, 2018 p. 58)

Outra maneira que já é muito utilizada pelos professores é a dos cartões com figuras. Um meio prático e que tem ótima funcionalidade principalmente quando a criança tem um grau ao qual não desenvolveu com êxito a sua fala, ela passa a falar por gestos, olhares, manias ou utiliza essa forma pedagógica para se comunicar melhor com os demais ao seu redor. Conforme a criança sente um desejo ela pega o cartão e mostra para que seja compreendido o que ela esta tentando dizer.

É necessário encontrar meios para que essas crianças acreditem nelas mesmo, mostrar que assim como os outros colegas de sua classe ele também é capaz de chegar lá. O professor é responsável por esse papel, incentivar e de alguma maneira adaptar as atividades conforme ele pode fazer. Existem etapas a serem concluídas e cada uma no seu tempo correto, cada criança tem um tempo para se desenvolver, uns mais rápidos e outros com mais lentidão, mas ao final todos saem com seu conhecimento e acreditando que é capaz de ir mais fundo da próxima vez.

O autista pode sim, aprender a ler e a escrever assim como os demais que frequentam a mesma turma, porém de uma forma distinta dos outros. Por este motivo temos o planejamento como algo flexível, isto é adaptável e com possíveis alterações do dia, com isso é necessário um planejamento diferenciado para haja sucesso dos dois lados. “Se analisarmos á luz dos estilos cognitivos, um aluno com autismo aprende a ler e a escrever de forma diferenciada em função das peculiaridades do funcionamento cerebral,” (SERRA, 2018 p. 16).

É preciso acompanhar cada etapa do aluno que foi conduzido ao sucesso ou não, fazendo ajustes necessários para a melhoria e crescimento dos resultados cada dia mais. Deparamo-nos com esta realidade todos os dias de alguma maneira, le quanto mais o tempo passa, mais teremos situações semelhantes, cresce todos os dias o número de crianças que são diagnosticadas com o autismo. Quanto mais métodos

forem encontrados, melhor será os resultados e caminhada do aprendizado e sucesso de cada criança em seu crescimento, os capacitando para que futuramente possam ingressar no mercado de trabalho sem que tenham dificuldades de ultrapassar as barreiras que forem surgindo durante o percurso necessário.

Não acreditamos que uma criança não possa chegar lá, nem em “falsas” esperanças, temos que acreditar que alguma coisa a criança vai alcançar. Não só a escola mais a família devem estar junto nesta jornada que não é fácil, mas se todos trabalhar em um só propósito chegará em um resultado melhor que o anterior. Escola, família, tratamento clínico e amor pela profissão e da família são as chaves para o sucesso da criança.

O método mais apropriado para o ensino e aprendizagem do aluno autista é o método fônico, que trabalha não somente o nome das letras, mas também a sonorização das mesmas, quando saímos da fase das vogais, entramos nas consoantes em seguida, e nas consoantes não falamos somente o nome das letras, mas também o som, que as vezes é diferente. Esse método é recomendado pois elas são muito melhor assimiladas pelo cérebro. O método fônico é cientificamente aprovado pois elas respeitam o desenvolvimento cerebral, o cognitivo, como se aprende a ler e em seguida a fase de aprender a escrever. Essa é a sequência correta e que deve ser seguida para a melhor aprendizagem. (SERRA, 2018 p. 16) “O método que sustenta a apresentação da alfabetização, propriamente dita, não é novo e é muito eficaz. Trata-se do método fônico”.

Outro ponto muito importante é a questão do tempo, trabalhar com períodos curtos de tempo, atividades que a criança seja capaz de fazer para que ela não se frustre utilizar personagens, brinquedos que a criança goste que chame a atenção e faça com que ela crie o interesse de esta fazendo aquela atividade que foi disponibilizada para ela. Ser direto na fala, falar somente o que quer que a criança faça se possível use figuras de apoio, como dito mais acima os cartões para indicar, desenvolver uma rotina e ser cumprida.

2. ESTRATÉGIAS PARA MELHORIA NA SOCIALIZAÇÃO DO AUTISTA COM OS ALUNOS SEM DEFICIÊNCIA

Este objetivo(Estratégias para melhoria na socialização do autista com os alunos sem deficiência) veio com o intuito de trazer melhores meios para que a inclusão nas escolas regulares de ensino funcione de uma forma saudável e correta, com efeitos positivos e que tragam bons resultados na socialização do autista com os seus demais colegas de classe, que é um ponto em que eles sentem dificuldade e é uma habilidade muito afetada pelo transtorno, levando outras pessoas a entenderem e mudarem suas opiniões antigas que, mesmo com suas limitações elas não se tornam pessoas inválidas, mas sim que elas também tem a capacidade de fazer parte de uma classe da escola regular. (LIMA, 2010 p. 37) “Há alguns anos, a sociedade elegeu algumas dessas determinações e agregou a elas outras mais rígidas, por exemplo: a pessoa com deficiência é incapaz, um caráter fixo, imutável, que levou diversas pessoas á condição de não participantes do trabalho e da escola comum”.

Um fato muito importante é que quanto mais rápido for o diagnóstico, com mais facilidade irá ocorrer o trabalho de especialistas que estão envolvidos para o melhor desenvolvimento da criança, trazendo desde já um grande conhecimento sobre o grau, como agir, qual o tratamento deve ser utilizado, seus gostos e significado de gestos, o que irá deixa-lo irritado e o que irá agradá-lo, trazendo assim, meios e soluções mais eficazes para o tratamento.

A escola é um ambiente onde se faz necessária a socialização dos demais, que geralmente ocorre por meio de atividades de interação social, com isso, entrou diretamente em um desafio enfrentado por nossos autistas nas escolas, principalmente nas regulares. Com este fato entendemos com mais clareza que será necessário o acompanhamento da criança em cada área como: psicopedagogos, fonoaudiólogos, pedagogos, terapeutas ocupacionais, psicólogos. É importante lembrar que a participação destes profissionais se faz necessária para o acompanhamento de cada

desenvolvimento do aluno, cada profissional tem sua importância e seu papel, porém em sala de aula o protagonista é o professor.

“Não se pode negar a importância da Medicina, da psicologia, da psiquiatria e de outros campos de estudo”. (CUNHA, 2018 p.38).

Depois desse aparato que a criança necessita juntamente com a família, entramos na questão de seu convívio com sua turma. É uma tortura para o autista no primeiro momento a sala de aula por conta de muitos movimentos bruscos, agitação, gritarias e outras situações que os incomodam, muitos não conseguem ficar por muito tempo dentro de uma sala de aula por conta dessas questões que não são incomodas para os alunos sem o TEA (Transtorno de espectro autismo) e que já estão acostumados a toda essa agitação em seu cotidiano. É partindo disso que encontraremos meios e soluções para que o aluno possa estar presente em sala de aula com os seus demais colegas.

A inclusão do autista nas escolas regulares pode trazer grandes dificuldades para aqueles que estão em volta, mas também podemos com isso, fazer grandes descobertas diferentes formas e maneiras de incluir este aluno de forma diferente e bem agradável nesse ambiente escolar, trazendo soluções para aqueles profissionais que não sabem o que fazer quando se deparam com esta situação em sua sala de aula. A inclusão escolar gera também grandes transformações na educação em geral. (LIMA, 2010 p. 25) “A inclusão escolar é processual e precisa de adesão dos docentes para que a educação escolar possa ser transformada, com fortalecimento do humanismo, do conhecimento sobre a diversidade humana e suas potencialidades”.

A interação social é sua grande barreira, mas que aos poucos pode ser quebrada, até mesmo praticando essas interações disfarçadamente e com bastante calma usando os próprios colegas de classe. É de total importância conversar com a turma de uma forma que eles irão compreender o que você está passando para eles sobre esse amigo que está frequentando o mesmo ambiente que eles, na maioria das situações os próprios colegas conseguem identificar dificuldades no amigo fazendo comentários sobre o seu modo de agir ser diferenciado dos demais, é partindo daí que a conversa com a turma passa a ser uma chave para a mudança. Essa conversa irá

trazer clareza para eles e assim, eles mesmos vão saber a maneira correta de agir, tratar, falar, cuidar com essa criança.

Os amigos de classe são de grande valia e importância nesse processo de socialização do autista, com um diálogo e explicação os alunos irão entender que você está fazendo a eles um pedido de socorro, e isso levarão os alunos de alguma forma te ajudar nesse processo tão difícil, fazendo descobertas. A comunicação das crianças uma com as outras é valiosa, muitas das vezes eles podem descobrir e enxergar algo que o professor ainda não conseguiu visualizar naquela criança, seguindo assim alunos ajudando professor nesse processo e professor ensinando como lidar com essa criança, trazendo para esse meio todo tipo de afeto como o amor, cuidado e carinho com cada um, melhorando assim os afetos dos alunos e acarretando uma melhor aprendizagem deles. “Utilizar-se dos afetos naturais do aluno com autismo para educá-lo é centralizar suas emoções para o processo pedagógico”. (CUNHA, 2018 p.100)

Eles passam a ajudar o professor sem que ele precise pedir, pois eles já conseguem entender o que e onde seu colega tem dificuldade de fazer. Certa intimidade começa a ser criada com a criança e junto com essa intimidade vai nascendo também a confiança da criança com seus colegas de classe, acarretando com isso um ponto positivo, a interação social de todas as crianças sendo ou não autista. O diálogo antes da recepção dessa criança ajuda as crianças a entender no que seu professor vai precisar dele e quais os momentos.

Nesta situação não é somente a evolução do aluno autista que podemos ver, mas também do seu amigo que ajuda durante toda a aula, aos poucos todos estarão compartilhando ideias e trazendo com elas maiores conhecimentos, como por exemplo: ajudar o aluno autista irá levá-lo a ter mais motivação em sua aprendizagem, fará com que o aluno esteja sempre estudando e pesquisando para que ele sempre possa ajudar o seu amigo. Este passa a ser um trabalho colaborativo, onde todos poderão compartilhar seus conhecimentos e com um tempo, este aluno autista estará fazendo parte dos trabalhos em grupo, e os poucos conseguiremos perceber que ele está desenvolvendo juntamente com seus amigos e já pode fazer as mesmas atividades com eles sem ter muitas dificuldades.

Usando os amigos para a melhoria de sua socialização, podemos também planejar brincadeiras e ensinar para os colegas, assim eles irão passar para o aluno autista e será mais uma maneira de estimular a interação social com seus colegas, sempre utilizando personagens, brinquedos e objetos que ele gosta e com amigos que ele gosta também, assim a aprendizagem também pode ser explorada a partir dessas brincadeiras, trabalhando juntamente o lúdico. Seus amigos precisam entender que esse aluno precisa de uma atenção diferenciada e com muito respeito.

“O afeto é motor da amizade, que leva à cooperação e à interação social. Quando existe a cooperação, existe a inclusão. A classe deixa de ser apenas uma soma de indivíduos e passa a ser uma sociedade. Consequentemente, a autodisciplina, o controle pessoal e a alteridade são qualidades que surgirão a seguir, fomentadas pelo envolvimento do estudante nas atividades pedagógicas.” (CUNHA, 2018 p. 112).

A observação da rotina de sua turma e amigos é um estímulo para as crianças, de alguma maneira influencia e estimula que eles façam igual aos outros, é sempre importante não manter ele sozinho, pois o autista já tem uma restrição na questão de se isolar, é uma boa estratégia manter sempre um amigo por perto, um amigo que ele tenha mais afinidade, intimidade e confiança para todas as atividades que ele faz, assim podem trazer ele cada vez mais para perto vencendo essa luta e resistência que ele tem na questão da interação social.

Da mesma forma que esse aluno faz a diferença na vida das pessoas que os cercam (novos aprendizados e diferentes experiências), ele também terá um amigo que fará a diferença na vida dele, tomando ele como seu porto seguro durante o tempo em que esta fora de sua zona de conforto (casa e família).

A inclusão não começa somente pela aceitação da matrícula do aluno em uma escola regular de ensino, mas sim quando o autismo do aluno é compreendido por seus amigos de classe, professores e toda a equipe que esta no mesmo ambiente escolar que eles, assim todos trabalham juntos em prol de ajudar esse aluno em todo o seu processo de aprendizagem, onde o trabalho começa a ficar mais prazeroso e fácil para todos, inclusive para o aluno incluído, que irá se sentir bem acolhido e a vontade naquele lugar e vai querer voltar todos os dias. “Quando incluimos, não incluimos

apenas aspectos pedagógicos do sujeito, mas todo o ser humano. Quando incluimos, educamos e, quando educamos, incluimos” (CUNHA, 2018 p. 103).

Sabemos que essa inclusão não é algo fácil e requer uma atenção e paciência, assim também como sabemos que não é o autista que precisa se adaptar a tudo novo, ambientes, pessoas, rotina... Mas sim, nós que temos que nos adaptar ao seu estilo de vida, para que aos poucos ele possa de uma maneira paciente e lenta algumas pequenas mudanças em sua vida, se possível com bons desenvolvimentos cognitivos e motores.

O que permite à inteligência esta transferência do plano motor para o plano Especulativo não pode evidentemente ser explicado, no desenvolvimento do indivíduo, pelo simples fato de suas experiências motoras combinarem-se entre si para melhor adaptar-se exigências múltiplas e instáveis do real. O que está em jogo são as aptidões da espécie, particularmente as que fazem do homem um ser essencialmente social. (Wallon, 2008 p.117).

Seus amigos de classe tem um papel fundamental e importante para o estímulo dessa rotina diferenciada que ele irá enfrentar, ele observando todos os seus amigos fazendo uma atividade todos os dias, uma hora ele próprio irá criar um interesse em fazer a mesma atividade com seus colegas, mas claro, com a ajuda deles na participação de todas as atividades, estimulando de forma delicada para que o aluno não se sinta pressionado a fazer algo que ele não está adaptado em fazer, lembrando que o novo os assusta então, todas as coisas devem ser feitas com muito cuidado e paciência, aos poucos seus colegas vão se adaptando a sua forma diferenciada de aprender algo, criando assim certa experiência na forma de lidar com essa criança nas diversas atividades. Estar sempre trabalhando de forma lúdica com o autista é um caminho com positivos resultados em todos os seus aspectos de dificuldades, e seus amigos farão isso muito bem se tratando de brincadeiras, mas também a afetividade entre eles, que está em todos os lugares.

3. MÉTODOS PARA UMA BOA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Neste último subtítulo foi feita uma pesquisa de campo em uma escola da rede privada, a pesquisa foi formada por cinco questões e cinco professoras responderam,

trazendo dados de sua realidade em sala de aula com esses alunos autistas. As cinco professoras que responderam esta pesquisa, estão atualmente ministrando aulas para os autistas neste ano de 2019, passando por diferentes situações e novas experiências.

As entrevistadas foram perguntadas há quantos anos elas têm de atuação no magistério e as respostas foram as seguintes: a primeira possui 12 anos, a segunda 30 anos, a terceira 15 anos, a quarta 16 anos e a quinta possui 7 anos de carreira e atuação em sala de aula lidando com diferentes situações do autismo, são diferentes tempos de práticas, mas cada uma delas tem suas experiências individuais em relação ao tempo.

Na segunda pergunta a questão foi, durante seu tempo no magistério, quais meios foram utilizados por elas com os autistas para uma boa relação professor-aluno e quais foram os resultados alcançados por cada uma delas. Suas respostas foram bem claras e reais, ligadas a tudo que estão vivenciando, colocando em prática e que se vê necessário ser feito para que essa relação com o aluno seja positiva e com resultados esperados.

Sendo assim as respostas foram: Que é utilizado muito o trabalho lúdico, pois se faz necessário que a criança autista trabalhe com o concreto para ser associado a sua realidade, muitos meios já foram utilizados, mas o mais importante é antes de tudo a parceria com a família, pois a criança autista é única e temos que entrar no mundo dessa criança. Foi citado também nas respostas as questões dos materiais didáticos que atendam aos diversos tipos de autistas, além de muito amor e carinho por parte do docente para com esse aluno. Algumas responderam também sobre uma questão muito importante no processo da aprendizagem deles que é a busca por informações sobre o aluno, a orientação por parte da terapeuta e da psicopedagoga, para assim conseguir trabalhar com o aluno e obter avanços significativos. Outra questão abordada e observada nas respostas foi a de que é preciso estar próximo ao aluno, ser objetivo na comunicação, respeitar seus medos e novamente foi citada a atividade lúdica a ser trabalhado com eles, o que nos leva a ter certeza que o lúdico é um método excelente de boas respostas para o aprendizado e sua relação com o professor, trazendo juntamente com esse lúdico, a utilização de objetos e demais coisas que atraem a atenção desse aluno, seus gostos, prazeres e tudo o que eles gostam.

Na terceira pergunta foi abordada uma questão que é muito pertinente e é confrontada a todo tempo por todos os professores que passam por essa situação de lidar com o aluno autista em seu dia a dia. A pergunta foi a seguinte: Se os professores estão realmente preparados para receber esses alunos autistas e o que elas achavam que poderia trazer melhoras nesta relação, as respostas foram as esperadas, e infelizmente a realidade que vivemos, podendo ser completamente diferente.

Diretamente as respostas foram as seguintes: Não, pois infelizmente ainda não sai da teoria e que a realidade na prática é completamente diferente do que imaginamos. Infelizmente esses professores não são preparados para trabalhar com essas crianças, pois na formação do mesmo, o assunto só é tratado de maneira teórica.

Um das respostas chamou atenção, pois dizia que a grande maioria tem total despreparo para lidar com a tal situação e que era necessário investir em cursos preparatórios e de aperfeiçoamento voltados para os alunos autistas que resultaria em um preparo mais específico e necessário para os professores, se dedicarem para fazer um trabalho específico com os diversos tipos de autismo.

Durante a pesquisa foi perguntado não somente das dificuldades enfrentadas pelos alunos na socialização e na chegada dele na escola, mas sim também qual foi a maior dificuldade enfrentadas por essas professoras na recepção desse aluno autista em sua classe, os desafios que tiveram que vencer para que desse certo, e mais uma vez as respostas foram semelhantes uma com as outras.

As respostas foram as seguintes: Que a maior dificuldade que tiveram que enfrentar foi à socialização com os colegas de classe e a aceitação da família em questão, a aceitação da família se faz necessária, primeiro é importante cuidar da família para assim poder trabalhar com o aluno. Outra professora disse que sua maior dificuldade na época era seu despreparo em relação ao assunto. A professora seguinte relatou que teve dificuldades em estabelecer a comunicação com o mesmo e preparar materiais diferenciados e adaptados para o mesmo. A adaptação curricular também foi citada com uma das dificuldades enfrentadas por elas de acordo com as dificuldades e limites dos alunos.

Por fim, chegamos à última pergunta desta pesquisa realizada com as professoras, nesta pergunta foi abordado um tema muito importante para o crescimento de ensino aprendido da criança com autismo que é o planejamento. Quanto ao planejamento, é diferenciado e se há recursos e estruturas para serem utilizados por eles.

As repostas foram dadas com demonstração de muito esforço das professoras na utilização dos recursos e flexibilidade nos planejamentos. As respostas foram: Que o planejamento é flexível, pois cada criança é única, mas há diversos recursos na escola e com ótima estrutura, o trabalho em equipe ajuda no sucesso da aprendizagem desse aluno. Procuram sempre fazer e oferecer o melhor possível para cada um deles.

Uma das professoras colocou em sua resposta que há sim, recursos e estrutura para recebê-los, porém ainda faltam recursos específicos e materiais adaptados para a necessidade do autista.

Em outra resposta foi citado que os jogos didáticos que possuem na instituição foram de grande ajuda para ela e sua atuação.

Esta pesquisa foi de grande valia e importância para este trabalho, trazendo enriquecimento. Com essas perguntas foi possível sair um pouco da teoria comum que estamos sempre vendo para uma prática que tem sido vivenciada todos os dias por essas professoras entrevistadas, que pode aqui, passar um pouco de sua realidade do seu dia a dia, expor um pouco de suas dificuldades no início, os meios utilizados para que a relação com esses alunos fossem melhoradas e ampliadas.

Podemos concluir através dessa pesquisa e desse desenvolvimento que as escolas ainda não estão preparadas em uma totalidade para ter esses alunos autistas, é necessário mais preparo para os professores que já atuam no magistério e principalmente os que ainda estão em formação, a saída desses futuros professores que terão preparo já em sua formação pode ser a solução para os próximos autistas que irão chegar para viver em nosso meio, professores que serão esperança para os próximos que vão chegar até eles.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado teve como tema: Os desafios do autismo nas escolas regulares, sendo seu objeto de estudo a educação inclusiva, uma educação ao qual tem sido alvo de muitas lutas pelos direitos na entrada do autista nas escolas regulares.

Os objetivos propostos na introdução deste trabalho foram alcançados e respostas foram encontradas para que não existam mais tantas dúvidas e o despreparo dos profissionais ao lidar e ensinar esses alunos autistas na área da educação em geral, trazendo assim, algumas soluções e quebrar as barreiras existentes no meio educacional de lidar com a criança autista em uma escola regular, onde será preciso exercer bem a questão da inclusão da criança, sem que haja exclusão disfarçada como existe hoje em muitas escolas, meios encontrados de como socializar o aluno autista com os demais e com o professor.

A metodologia utilizada para a pesquisa e realização deste trabalho foi a pesquisa bibliográfica, pesquisa ao qual trouxe aprofundamentos em relação ao assunto que é o Transtorno do Espectro Autista, conhecimentos que servem para entender melhor cada dificuldade e necessidade, através de autores e obras.

Apesar dos objetivos terem sido alcançados de alguma forma, o tema proposto não se esgota, novas questões se estudos podem ser levantadas através desse trabalho, como por exemplo, a questão da aceitação da família, é a partir dessa aceitação que o aprendizado dessa criança tenha sucesso no meio escolar, quais brincadeiras lúdicas podem servir de estratégia para melhor aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB 2/2001 “online”. **Diário Oficial da União**, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção 1E, p. 39-40. Acesso em 22/06/19. Disponível em: <http://www.portaldeacessibilidade.rs.gov.br/legislacao/4/22>
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei 9.394/96, Da Educação Especial. “online”. **Edição do Senado Federal**, Brasília, Atualizado até Junho de 2018. P. 41-42. Acesso em 25/11/19. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf
- CUNHA, Eugênio. **AUTISMO INFANTIL: Práticas educativas na escola e na família**. 2018. Disponível em: < <https://www.eugeniocunha.com.br/artigo/24/autismo-infantil-praticas-educativas-na-escola-e-na-familia>> Acesso em: 28mar.2019
- CUNHA, Eugênio. **AUTISMO NA ESCOLA: Um jeito diferente de aprender, Um jeito diferente de ensinar**. Ed 5. Rio de Janeiro: Wak editora, 2018
- LIMA, Priscila Augusta. **Educação Inclusiva: Indagações e ações nas Áreas da Educação e da saúde**. Ed 1. São Paulo: Avercamp, 2010
- SANTOS, Maria Alice. 2019 disponível em <https://www.portalescritores.com.br/texto/7742> 2019> Acesso em 09nov.2019
- SASSAKI, Romeu Kazumi. 2003 apud. Maria Aparecida dos Santos Franco. SD. Disponível em <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/integracao-social-da-crianca-autista.htm>> Acesso em 25nov.2019
- SASSAKI, Romeu Kazumi. **CONSTRUINDO UMA SOCIEDADE PARA TODOS**. Rio de Janeiro: Versão “online” WVA, 1997. Disponível em: <http://centraldosmelhoreslivros.blogspot.com/2011/05/livros-loureiro-romeu-k-sasaki.htm>> Acesso em 01dez.2019

- SERRA, Dayse. **Alfabetização de alunos com TEA**. Ed 1. Rio de Janeiro: E-Nuppies,2018
- WALLON, Henri. **AFETIVIDADE NA SALA DE AULA: o olhar Walloniano sobre a relação professor-aluno na educação infantil**. 2010. Disponível em: <http://www.unifan.edu.br/files/pesquisa/AFETIVIDADE%20NA%20SALA%20DE%20AULA%20o%20olhar%20Walloniano%20sobre%20a%20rela%C3%A7%C3%A3o%20professor-aluno%20na%20educa%C3%A7%C3%A3o%20infantil%20-%20GRAZYELLE%20FARIA.pdf>> Acesso em 28mar 2019
- WALLON, Henri. **DO ATO AO PENSAMENTO: Ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis. vozes. 2008